



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

ENQUANTO A BOLA ROLOU NOS GRAMADOS, PEDRAS E COQUETÉIS MOLOTOV VOARAM PELAS RUAS.

ELES QUEREM QUALIDADE GERAL DE ENSINO, SAÚDE E TRANSPORTE PÚBLICO.

SE EXISTE DINHEIRO PARA BANCAR ESTÁDIOS BILIONÁRIOS, TAMBÉM TEM QUE TER DINHEIRO PARA INVESTIR EM MELHORES CONDIÇÕES PARA A SOCIEDADE.

ESSAS MANIFESTAÇÕES SÃO EXEMPLOS DE SUBVERSÕES ESPONTÂNEAS E EMOCIONAIS NASCIDAS DA REJEIÇÃO À POLÍTICA MODERNA RACIONAL E PROGRAMÁTICA.



(Fonte: jornal O Globo, 23/6/2013)

MOLOTOV Enquanto a bola rolou nos gramados, pedras e coquetéis molotov voaram pelas ruas. Lá se vão quatro semanas desde que os jovens brasileiros tomaram as praças e avenidas clamando por direitos mais do que justos. Eles querem qualidade geral de ensino, saúde e transporte público. Querem também o fim da corrupção e a prisão dos corruptos. Na esteira dessas reivindicações, clamaram pelo fim da PEC 37, aquela que iria tirar do Ministério Público o poder de investigar a ladroagem nacional. Pelo menos nisso foram rapidamente atendidos. Porém, uma coisa é muito clara nas reivindicações que despontaram com a abertura da Copa das Confederações: se existe dinheiro para bancar estádios bilionários, também tem que ter dinheiro para investir em melhores condições de transporte, educação e saúde.

MUNDO PARALELO Se o Brasil pode bancar a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, também tem obrigação de bancar uma melhor qualidade de vida para os brasileiros. Desafio lançado, restou ao poder público e aos “representantes” do povo uma enorme perplexidade. Acostumados a viver num mundo paralelo à vida nacional e viciados em conchavos, com vistas à próxima eleição, os políticos foram pegos de calça curta. Milhões de brasileiros resolveram dar um basta à alienação do poder público nacional e foram às ruas demonstrar sua indignação com a falta de compromisso do Congresso, das Assembleias Legislativas e dos governos municipal, estadual e federal.

BOCA NO TROMBONE Cansados do discurso cor-de-rosa que proclamava um céu de brigadeiro que ninguém nunca viu, o povo botou a boca no trombone e marchou pelas ruas para protestar contra a farsa nacional. Colocaram o poder público contra a parede e anunciaram que do jeito que está não pode ficar. O discurso demagógico e populista, instalado nos púlpitos e palanques do poder, recebeu um cala boca e um passa-fora. A moçada gritou alto e em bom som que não vai mais aceitar mentiras, conchavos e omissões, e muito menos vai pagar os cargos e salários daqueles que não trabalham pela dignidade e pelo desenvolvimento nação.

DESCRENÇA Olhando os cartazes, faixas e palavras de ordem, o que se vê é uma juventude descrente e cansada daqueles que se dizem representantes da sociedade. Estudos demonstram que, ano a ano, os jovens anularam ou abdicaram de votar porque não acreditam e não confiam nos partidos e muito menos nos políticos. Matéria do jornal O Globo (23/6/2013) lembra que a proporção de eleitores de 16 e 18 anos caiu pela metade em duas décadas. Pesquisas indicam que de cada 100 jovens que poderiam ser eleitores, só 35 se inscreveram para tirar o título. No Rio de Janeiro, este número é bem menor: apenas 19 em cada 100.

OS PARTIDOS ENVELHECERAM Em entrevista para a imprensa, a presidente da Justiça Eleitoral do Rio de Janeiro, Leticia Sardas, disse que “(...) eles protestam muito mais que antes e, no entanto, já não ligam para o título de eleitor, que é o passaporte para promover mudanças (...) é preciso canalizar essa energia do protesto para a construção política (...) mas como fazer se os partidos envelheceram tanto que não conseguem nem se conectar com o universo deles, que é a rede social?”

PARTIDOS X RUAS De fato, a distância entre os partidos e as ruas ilustram o dia a dia do Legislativo. Basta observar a conduta dos parlamentares no período em que o Congresso Nacional foi sitiado por uma multidão indignada. Neste momento, o presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), comandava uma delegação de líderes partidários em Moscou.

DESCONEXÃO Como se não bastasse, no intervalo entre os cercos dos jovens ao Congresso Nacional, a Câmara dos Deputados inscreveu, entre as prioridades de votação, o envio de uma comissão parlamentar a Santa Cruz do Arari, no arquipélago de Marajó, para acompanhar a decisão do prefeito que havia determinado a caça de cães no município. No Senado, a apatia dos senadores da República ignorou a votação do Plano Nacional de Educação complementar que, há seis meses, está sendo protelado na pauta da casa.

VOTOS NULOS E BRANCOS O mesmo descaso pode ser constatado na Câmara Municipal do Rio, onde um pedido de CPI para investigar privilégios concedidos às empresas de transporte coletivo continuava dormindo nas gavetas. Enquanto isso, os representantes do povo se apressavam em eleger a ilha de Taiwan como “irmã” da capital carioca. Não foi por acaso que na eleição de vereadores no estado do Rio, ano passado, a média de votos brancos e nulos registrou o índice de 4,5%. Nas quatro maiores cidades os números são alarmantes: São Paulo, 19%; Rio e Belo Horizonte, 17%; Salvador, 14%.

PARTIDOS SEM VANGUARDA O sistema é de democracia representativa, mas os índices de votos nulos e brancos e a onda de manifestações nas ruas demonstram que os partidos perderam a vanguarda e o monopólio da ação política. Estudos mostram que 70 entre 100 eleitores não se interessam pelos partidos. Basta observar que, dos 141 milhões de eleitores no Brasil, 37 milhões votaram branco e nulo na última eleição municipal, ou seja, um terço.

SUBVERSÕES ESPONTÂNEAS Em entrevista ao jornal O Globo, o pensador francês Michel Maffesoli estabelece uma comparação entre os atuais movimentos brasileiros e Maio de 68. Segundo ele, essas manifestações são exemplos de subversões espontâneas e emocionais nascidas da rejeição à política moderna racional e programática. Na sua visão, “(...) vivemos o fim da política moderna (...) vemos que há uma saturação, um tipo de indiferença (...) esses jovens já não se reconhecem mais num programa, num partido ou sindicato (...) a modernidade é racional e a pós-modernidade é emocional (...) as tribos urbanas se tornaram comunidades interativas (...) suas mobilizações não são programáticas, mas têm o poder de desamparar as instituições e sabem deixar marcas”.